

## A PABLO NERUDA

Carlos Nejar

Neruda, entre navegações.  
E a Ilha Negra.

Os jornais gotejam  
tua morte.

Como um gole de café,  
a lembrança vai coando  
os vultos e os meandros.

Quem foi metamorfose  
não se acaba  
com a primeira árvore.

A dor se infiltra  
no pano das marés,  
em Ilha Negra.

A dor se infiltra  
nas paredes, nos quadros  
de tua casa.

A dor está conosco,  
aguda, sem repouso.

Não fico nela,  
quando existe o canto.

E as negras águas  
de outro mar mais negro.

II.

Em quem devo crer,  
esperar,  
contar o sol  
em Ilha Negra?

O sol é o mesmo  
de teus poemas,  
os dias  
que te alimentaram  
com seu pão  
ou sua expectativa.

Em quem devo crer,  
esperar?

Quem fez a provisão,  
aldeão do tempo,  
em signos, coros, lágrimas,  
incêndios?

Em quem devo crer,  
esperar,  
se Ilha Negra  
ficou sem mar?

### III.

Sob a conspiração do medo,  
ficou sem mar.

A ordem é inaugurada  
e urge placas, estátua,  
jornal solerte, evasivas.  
Ficou sem mar.

Carabineiros passavam,  
passavam na temperança,  
nos prados, na desavença.  
Ficou sem mar.

A cartucheira de lendas  
ficou sem mar.

A cordilheira  
na sua mão,  
nos ombros largos,  
como a janela de um preso,  
ficou sem mar.

Em Ilha Negra,  
com ataúdes a vela,  
Neruda recolhe o mar.

### IV.

Que mar é o nosso,  
entre dívidas, cálculos?

Subalternos,  
que mar é o nosso,  
a caçar acenos, meses?

Que mar o nosso, Poeta,  
que não sabemos  
onde escondê-lo.

Ou é tão pequeno,  
servil,  
que nem um til de espuma  
nos reserva  
na hora da razão.

Que mar, o nosso,  
que não detém amor  
nas suas hostes.

E mesmo quando for,  
é apenas posse.

Ou extremada dor.

Que mar, o nosso!

### V.

Pablo, o esquecimento  
e seu andalme.

O esquecimento  
e tua sombra saqueada  
em Ilha Negra.

Conheces o outro lado,  
oculto, em cada frase  
ou no limo dos lábios.

Ao esquecimento  
conhecas:  
grama a grama,  
a capa e a redoma.

E mais que o esquecimento,  
a sua cerca,  
as ervas  
que se expandem  
no terreno  
e a história  
entre o arame  
e o pensamento.

#### VI.

Em Ilha Negra,  
matilha de palavras  
— umas, serenas;  
outras, açuladas —  
te acompanham.

Os cães da tarde  
seguem tua escolta.

Em Ilha Negra,  
um alarido  
de sustos e minutos.

Abertas as janelas  
do verão,  
o teu andar pausado  
revolvendo  
camadas de silêncio.

O teu andar de relva,  
límbo, uvas, chuvas.

Teus sapatos  
e o ritual das pernas  
abarcando países.

Clandestino do homem.

#### VII.

Pablo Neruda subia  
em Ilha Negra, subia  
atrás de seu corpo vário,  
atrás da névoa do corpo,  
a alma que não cabia.

E onde caber, embutir  
o que não cabe por si,  
já que o corpo em sua sala  
fechou portas e cortinas  
e a alma são galerias?

Pablo Neruda subia  
em Ilha Negra, subia  
pelas varandas, varandas,  
pelas gargantas do dia.

#### VIII.

Os trens de nuvem, Pablo,  
não te atalham o sonho.

Os trens de tua fala,  
a lentidão  
de seu carro-vagão.

Os trens de tua memória  
alucinante.

Os trens de Ilha Negra  
na montanha.

Os trens dos símbolos  
correndo  
no túnel do poema.

Os trens de vento  
sem horários  
na infância.

Os trens da aurora  
necessários  
na linha de batalha.

O trem de teu andar, Pablo.

Pesado como o Chile.